



A BUSCA DA VONTADE DE DEUS

P. António Valério, s.j.

Com as palavras do título desta «Abertura» poderíamos sintetizar o movimento interior ou o dinamismo fecundo da vida cristã. Porque a vida não é apenas uma coleção de grandes momentos, alguns muitos felizes e outros dolorosos, uns de grande realização e outros de decepção, que vão fazendo a nossa história pessoal. A vida é também tudo o resto, a enorme quantidade de dias comuns, de tarefas rotineiras, de encontros habituais.

É mais fácil perguntarmo-nos o que Deus quer de nós quando a vida nos coloca diante de situações em que a pergunta é inevitável. Mas, no dia a dia, a pergunta continua sempre a ser necessária, é um apelo constante ou, mais ainda, uma decisão quotidiana para a santidade. O grande teste é desejarmos em cada momento aquilo que Deus quer fazer em nós, encarnar de alguma forma o Evangelho de Cristo, com a sua vitalidade, poder transformador.

Isto requer duas atitudes. A primeira é a escuta, a abertura de coração a seguirmos aquilo que o Senhor nos inspira e que, tantas vezes, é surpreendente, pois sai fora das próprias previsões e comodismos. A segunda é a decisão de passarmos de uma intuição espiritual que Deus dá, uma indicação de um possível caminho à implicação das mãos, dos pés e do coração, com entusiasmo e tenacidade.

Todo este processo é o discernimento. A nível pessoal, podemos experimentá-lo, mas a nível das instituições eclesiais é um caminho urgente a seguir, para que a Igreja seja verdadeiramente atenta àquilo que o Evangelho pede na sua vida e organização. É este mesmo caminho que o Papa Francisco nos aponta este mês na sua intenção de Oração. Que o possamos fazer com toda a coragem!

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| ABERTURA - A busca da vontade de Deus P. António Valério, s.j. | 1 |
| INTENÇÃO DO PAPA - A urgência do discernimento António Valério, s.j. | 2 |
| DESTAQUE - Formar em e para o discernimento Eduardo López Hortelano, s.j. | 3 |
| AS COISAS PEQUENAS E A FÉ - Fé para tempos de fúria Rui Fernandes, s.j. | 6 |
| CONHECER OS MÍSTICOS - João Cassiano Brendan Comerford, s.j. | 8 |
| EM FAMÍLIA - ?????????????? Betânia Ribeiro | 10 |
| TIRAR A BÍBLIA DA ESTANTE PARA LER S. MARCOS A entrega do Filho do Homem e Filho de Deus Miguel Gonçalves Ferreira, s.j. | 12 |
| DOSSIER - Acolhimento, Oração e Trabalho <i>Uma forma renovada de estar em Singeverga</i> Betânia Ribeiro | 13 |
| OPINIÃO - Quando me sentei na sala de cinema Isabel Figueiredo | 21 |
| LECTIO DIVINA - Palavra de Deus para a vida Manuel Morujão, s.j. | 22 |
| NOTÍCIAS Cláudia Pereira | 25 |
| EU RECOMENDO - Francisco o Pequenino Isabel Cunha | 29 |
| HUMANIZAR-ME - Ver para lá do Cenário Teresa Villas | 30 |

Fotografias: Capa: © www.mosteirosdesingeverga.com; pág. 6: © Aziz Acharki; págs. 13-16: © Betânia Ribeiro; pág. 17: © www.mosteirosdesingeverga.com; pág. 18: © Museu Nacional Arte Antiga por Paulo Alexandrino; pág. 19: na direita - © www.mosteirosdesingeverga.com; na esquerda - © Betânia Ribeiro; pág. 20: © Betânia Ribeiro; pág. 30: © Annie Spratt



A URGÊNCIA DO DISCERNIMENTO

António Valério, s.j.

PARA QUE TODA A IGREJA RECONHEÇA A URGÊNCIA DA FORMAÇÃO PARA O DISCERNIMENTO ESPIRITUAL, A NÍVEL PESSOAL E COMUNITÁRIO

Neste mês de março, o Papa Francisco propõe como desafio e oração para a Igreja a urgência do discernimento pessoal e comunitário. De uma forma geral, podemos definir o discernimento como a busca orante da vontade de Deus, neste caso, para a vida cristã e o agir das comunidades. O ponto de partida de qualquer discernimento é uma atitude espiritual de querer, acima de tudo, aquilo que Deus quer, respondendo às circunstâncias e oportunidades do tempo presente. Isto exige abertura e liberdade interior, para não ficar preso ao passado, àquilo que sempre se fez de determinada forma, mas estar em sintonia com o Espírito, olhando o futuro com esperança.

Implica olhar os acontecimentos como modos que Deus tem de comunicar algo e escutar, a partir deles, os apelos que são feitos. Avaliar o que se fez, agradecendo o bem conseguido, dar conta do que há a mudar, do que já não resulta ou se cristalizou no tempo. O passo seguinte é partilhar com alguém, ou em grupo, os frutos deste tempo de avaliação, o que mais tocou, aquilo que se moveu no coração de cada um: os sentimentos que surgiram, as inspirações e ideias para o futuro. A pergunta decisiva é: a partir daquilo que observo e sinto, qual será o caminho que Deus me está a propor?

Cada tempo tem os seus desafios e devemos sentir-nos continuamente chamados a corresponder-lhes

com generosidade e criatividade.

Nesse sentido, é essencial promover na vida cristã e na vida das instituições eclesiais estas oportunidades de oração, conversação espiritual e trabalho em comum, numa verdadeira experiência de abrir a ação da Igreja ao sopro do Espírito.

DESAFIOS

Procurar, ao longo deste mês, rezar os acontecimentos do presente, a nível pessoal e da própria comunidade, e discernir neles os modos como Deus quer falar: agradecer aquilo que corre bem, que dá frutos... Avaliar aquilo que se sente ser necessário mudar...

Pedir a graça da liberdade interior, questionando sem receio alguns tipos de afirmações que podem bloquear um verdadeiro processo de discernimento, tais como: «sempre se fez assim» ou «já não vale a pena».

Organizar, na própria comunidade ou instituição, um momento de oração e partilha sobre o que o discernimento pode trazer de ideias para a ação apostólica no futuro. Que passos concretos podem ser dados e que continuidade se pode dar a estes processos?

FORMAR EM E PARA O DISCERNIMENTO

*Eduardo López Hortelano, s.j.**

«De entre muitos modos de ver, obter a visão;
de entre muitas experiências e numerosos factos, obter experiência;
entre muitos pensamentos, pensar o bom, escolher, pensar o instrumento [...]: Discernir»
Novalis, Fragmento 249

Contrariamente aos mercados espirituais que proliferam nas nossas sociedades globalizadas (yoga, zen, pseudo-misticismos esotéricos, *mindfulness*) e procuram dar resposta aos nossos problemas de modo simples, rápido e eficaz, a espiritualidade cristã recusa qualquer eclipse e forma de sortilégio. Percebo, no entanto, que, na atualidade, a sede de uma verdadeira espiritualidade surge dos contrastes e da vida vertiginosa que levamos. O Papa Francisco insiste, por isso, na aprendizagem do discernimento pela comunidade cristã universal. As suas duas últimas exortações apostólicas salientam este modo de procurar e encontrar a vontade de Deus. A *Evangelii gaudium* e o seu uso, por catorze vezes, do substantivo “discernimento” e do verbo “discernir” balizam a necessária formação *no* e *para* o discernimento como signos da tarefa evangelizadora da Igreja. Por seu lado, a *Amoris laetitia*, com o seu recurso, por trinta e três vezes, ao discernimento e a discernir assinala a importância desta prática espiritual na pastoral familiar e matrimonial. Por conseguinte, nós, cristãos, somos chamados ao discernimento. Mas que significa discernir? Que métodos ou aspetos ajudam mais ao discernimento?

a) «Deus disse: “Faça-se a luz!”. E a luz foi feita [...], e a luz era boa» (Gn 1, 3-4). Ordenar, dar um nome e ver o bom

Ao criar, a primeira coisa que Deus faz é separar o caos, a confusão, ordenando-o. A Palavra (*Dabar*, em hebraico) ordena. Esta primeira ação implica o ato de dar um nome, nomear, ou seja, dar identidade às realidades criadas e às criaturas. A ordem e o nome são atos do discernimento que produzem o melhor dos frutos da Criação: ver o bom, que não é um bem pessoal e individual, mas essencialmente coletivo (bem comum). Não será atrevimento pensar que se nós, homem e mulher, somos «imagem e semelhança de Deus» (Gn 1, 26), também temos essa capacidade criadora de discernimento a partir de três atos: o de ordenar, o de dar o nome e o de ver o bom.

O discernimento é uma ação que brota de uma bifurcação de caminhos, no contexto dos acontecimentos e da situação vital do ser humano. Não se trata, à partida, de uma escolha entre vícios e virtudes. É algo muito mais complexo porque, contrariamente ao que se possa pensar, discernir tem como objetivo iluminar três obscuridades ou vozes ocultas:

1. A voz misteriosa de um Deus inefável que, inicialmente, não é evidente aos olhos do crente.

2. A voz do mau espírito. É uma voz obscura e sibilina, que propõe de modo subtil, sem se dar a conhecer como tal, mas sim sob a aparência de “anjos de luz” (Diádoco de Foticeia, *De perfectione spirituale*).
3. A voz do próprio mistério do homem, incapaz de, à partida, ver com lucidez o que acontece nos seus pensamentos e nos seus atos.

Já Orígenes (*De Principiis*) se perguntava pela origem ou pelas fontes do nosso pensamento (e, portanto, dos nossos atos). A primeira, nós mesmos; a segunda, as forças adversas; e a terceira, as forças de Deus e dos seus anjos. Desde esta perspectiva, escolher é discernir, quer dizer, identificar (ordenar, nomear e ver o bom). Por vezes, estas “vozes” são chamadas “espíritos”. Alguns são nefastos, outros estão relacionados com o desígnio salvífico de Deus. Por outras palavras, o discernimento entende-se como batalha ou combate espiritual e interior. Este decide-se entre a lucidez proveniente da história da salvação e as resistências produzidas pelo mal. Assim:

1. A idolatria, esse culto dos ídolos, é sinal de falta de discernimento (*Rm 1, 28*).
2. O discernimento ajuda a encontrar a vontade de Deus mediante os acontecimentos que se vão sucedendo na vida do homem (*Rm 2, 18*).
3. Implica um exercício rigoroso e responsável, sendo que a vida cristã se caracteriza como um exercício de fé em contínuo discernimento (*Rm 12, 2*).
4. O seu horizonte é o do bom ou do bem maior¹. A vontade de Deus pode ser reconhecida, encarnada e praticada para alcançar a perfeição cristã (*Heb 5, 13-14*).

Discernir, portanto, consistirá no reconhecimento da ação do Espírito de Deus na pessoa de Jesus: o Filho de Deus. O mesmo Espírito que, na sua graça, se derrama desde a Anunciação (cf. *Lc 1, 35*). Será a voz do mensageiro de Deus que sussurra a José a ação do Espírito na conceição de Maria (cf. *Mt 1, 18*).

¹ Distinguimos dois géneros ou níveis de discernimento. O primeiro, discernimento moral ou ético, realiza-se entre o bem e o mal. O segundo, discernimento espiritual, dá-se entre o melhor e o simplesmente bom.

Isabel e o velho Simeão reconheceram-No: o Espírito de Deus faz-Se visível e manifesta-Se. No entanto, há quem resista a reconhecê-Lo. É o caso do rei Herodes (*Mt 2, 5-6*). No Evangelho, o discernimento assinala uma condição exigente para reconhecer o Espírito de Deus: estar à escuta. Maria escuta a promessa divina, acolhendo a Palavra (*Lc 2, 50*). Estar à escuta torna presentes os elementos necessários ao que acontece no mais profundo de nós mesmos. Estar à escuta forja a sagacidade necessária e suscita um estado de vigilância, para que os desejos selvagens não conduzam o homem à morte (cf. *Pastor de Hermas*). É o único pedido de Salomão, em Guibeon: «Concede ao teu servo um coração cheio de entendimento para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal» (*1 Re 3, 9*). Durante o ministério público de Jesus, o convite ao arrependimento supõe este discernimento, ou seja, o estar à escuta, em chave sapiencial, para se revestir da glória de Deus e para resistir à ameaça do mal.

Talvez estar à escuta seja a condição indispensável para formar *no* e *para* o discernimento. Sem isto, tudo se desvanece e debilita. Estar à escuta é a atitude fundamental para adquirir a sabedoria, dom mais valioso do que o ouro ou a prata. Sem ela, a sandice e a negligência inundam as nossas vidas. Estar à escuta forja-nos como cristãos atentos, vigilantes e esperançados. Dispõe-nos à humildade – o 26º degrau da *Scala Paradisi* de João Clímaco, «a humildade gera discernimento – e a um perfeito coração aberto, como sublinharia Cassiano (*Colationes II*).

b) Discernir: um exercício profundamente espiritual

Crescer na vida espiritual é progredir na vida segundo o Espírito: adentrar-se na aventura do discernimento. Antes de mais, o discernimento é um dom ou carisma que é preciso pedir (*1 Cor 12, 10*), por meio do qual os olhos do cristão são inundados pela claridade e pela lucidez. Na Igreja, os carismas são variados (*Rm 12, 5*): o serviço, o ensino, a pregação... No entanto, através do discernimento manifesta-se a graça de Deus que impulsiona a uma vida mais fecunda e construtiva.

As nossas vidas decorrem no meio de tantos acontecimentos (pessoais e sociais, locais e

mundiais). O bem e o mal reconhecem-se pelos seus efeitos ou frutos. Conforme a sua proveniência, será necessário ir às causas, para os identificar. Depois de sentidos, reconhecidos e identificados, nós, cristãos, estamos chamados (vocação) a edificar o próximo e a Igreja de Cristo, devendo a nossa vida optar pelos frutos construtivos e fecundos. Daqui, a necessária força ou o poder do discernimento que fortifica o orante nas

dificuldades ou momentos de provação. O discernimento resulta em luz e paz, contrariamente ao caos ou à confusão de quem não discerne. Porque, definitivamente, existe uma consciência do amor. A caridade, virtude teologal permanente, é o sinal indiscutível da ação do Espírito Santo (Fl 1, 9). Faz-se discernimento, portanto, para e pela soberania de Cristo, o Filho de Deus, o Qual confessamos, celebramos e vivemos.

c) Uma possível estrutura de discernimento individual e comunitário (ou institucional)

Apresento, aqui, uma série de passos que podem ajudar todos os cristãos na formação *no* e *para* o discernimento, quer individualmente, quer no âmbito comunitário ou institucional.

1. Dispor-me, em diálogo, na presença atuante e contínua de Deus. «A Criação espera a manifestação dos filhos de Deus». Deus «trabalha continuamente».
2. Escolher a matéria (conteúdo do discernimento) e o modo (a forma).
3. Definir tempos de oração e de diálogo com um orientador espiritual.
4. Pedir esta graça: conhecimento interno dos enganos do mau espírito, para me guardar deles de agora em diante, e a graça da vida verdadeira em Cristo.
5. Notar ou ver os obstáculos ou impedimentos que impedem de procurar e achar a vontade de Deus.
6. Interrogar-se, depois dos tempos de oração, sobre as consolações e desolações experimentadas.
7. Usar dois modos de oração com a seguinte chave: Para que nasci ou para que nascemos (no caso de uma comunidade ou instituição)?

a) Primeiro modo:

- Colocar diante de mim o que quero ou queremos discernir. Apresentá-lo ao Senhor.
- Desejar ser indiferente, quer dizer, não estar apegado a uma situação, coisa ou acontecimento.
- Pedir que Deus mova a minha vontade para o que Ele deseja.
- Considerar as vantagens e os inconvenientes.
- Ver para onde se inclina a razão.
- Oferecer-me ao Senhor, seja qual for a decisão.

b) Segundo modo:

- Sentir que o amor vem de cima.
- Pensar noutro homem ou mulher (incluindo comunidade ou instituição): que conselho lhe daria ou que lhe diria se estivesse na minha situação?
- Olhar para o fim dos meus dias e perguntar-me: Amaste? Viveste? Que opção teria escolhido? De que género?
- Oferecer-me ao Senhor, seja qual for a decisão.

* Instituto Universitario de Espiritualidad
Universidad Pontificia Comillas (Madrid, España)
elopezh@comillas.edu



Fé para tempos de fúria

Rui Fernandes, s.j.

Com diferentes manifestações, e por razões diversas, já muitos fomos visitados por fúrias – esse misto de impaciência e de repulsa que nos deixa a ferver por dentro (e talvez por fora). As mais das vezes, os seus frutos bastam para ver o quanto elas nos levam longe demais: enfurecidos, dizemos e fazemos o que não diríamos nem faríamos com outra presença de espírito, mais autodomínio e, quem sabe, um pouco de humor. Por norma, a fúria não rima com razão nem com bom senso.

E, no entanto, há alturas, parece, em que «o céu é dos violentos» (cf. *Mt 11, 12*), dos furiosos, dos que respondem de volta, dos que gritam, dos que lutam. A descrição far-nos-á pensar de imediato em tantos profetas e nas suas bem-aventuradas fúrias pela justiça; fúrias de quem se associa ao desejo que Deus tem de pôr ordem no mundo, para lhe dar sempre mais vida. Porém, este texto não trata dessa fúria pública mas doutra, íntima e secreta; a fúria entre amigos; a fúria da fé.

Uma história atribuída a Teresa d'Ávila serve para ilustrar esta «fúria da fé». Num encontro místico com

Cristo, Teresa terá desabafado: «Porque sinto tantas dificuldades, se Te sou fiel?». «Mas, já sabes, é assim que trato os meus amigos...» – respondeu-lhe Jesus. «Não admira que tenhas tão poucos...». As dificuldades da vida sobejam para nos enfurecer; mas que elas façam parte da relação com Deus, isso parece realmente desconcertante. Será isso uma forma de “sadismo divino”? E um Deus assim aparentemente esquivo e caprichoso será digno de fé – para já não falar de amor?

Nos textos bíblicos, estas «fúrias» entre Deus e os seus não são assim tão raras – e estão carregadas de sabedoria relacional. Umas vezes é Deus quem Se enfurece. Diante de uma humanidade violenta, Deus parece perder a paciência e dispõe-Se a recomençar com um pequeníssimo resto – ora com Noé, ora com Abraão. Nalguns casos, essa fúria é descrita como uma forma de ciúme. Deus, tendo por diversas vezes declarado o seu amor pelo povo, revolta-Se ao ver a facilidade com que este se «desvia» e O troca por outros amores menores (cf. *Dt 32, 16*). Alguns poetas bíblicos pensam, até, que o silêncio de Deus

é sintoma desses ciúmes: «Até quando, Senhor? / Ficarás irado para sempre?/ Arderá o teu ciúme como o fogo?» (Sl 79, 5). Outros, como o profeta Oseias, falarão dessa «fúria» de Deus, entristecido com a infidelidade do povo, como expressão de um processo interior pelo qual Deus decide amar *ainda mais*: amar *apesar* da infidelidade; amar os que não O amam (cf. Os 1-2).

Mas a humanidade também se enfurece e briga com Deus, por vezes – e sem pecar. De todas, a luta mais célebre entre homem e Deus foi a que durou entre Jacob e um *anjo*: uma noite misteriosa em que braços e asas se entrelaçaram, um querendo descobrir o nome ao outro. Jacob, temendo a ira de seu irmão Esaú, decide enviar diante de si presentes, seguidos da sua família, como forma de conquistar a sua benevolência, e acaba por ficar para trás, só, metido naquela noite de receio, angústia e vulnerabilidade. «Diz-me como te chamas»: não serão assim todas as lutas com o medo?, um combate conosco próprios, à procura de um rumo, de uma raiz, de uma razão de viver. Jacob, porém, não se rendeu: entregou-se inteiro ao combate.

A alvorada não lhe trouxe respostas fáceis: o anjo continuou *anônimo*, o corpo ficou moído; mas Jacob descobriu que há coisas que só se aprendem se estivermos disponíveis para jogar ao braço de ferro. Mais do que soluções, o confronto fê-lo ganhar um novo respeito por si e pelo seu adversário. Naquela noite, o seu adversário não era seu inimigo, mas alguém que o queria ajudar a crescer e a ganhar músculo, porque as noites existem, e há que saber atravessá-las (cf. Gn 32, 1-32).

O livro de Job conta-nos uma outra história de fúria. A gíria habituou-nos a um Job paciente, quase resignado: o padroeiro dos que aguentam sem retorquir. Essa forma de resistência discreta é, sem dúvida alguma, uma fonte de inspiração; mas corresponde pouco ao Job bíblico. Depois de, súbita e brutalmente, perder bens, filhos e saúde, Job rompe o silêncio e denuncia a injustiça de toda a situação. Tendo perdido tudo o que lhe era querido, Job via o seu bom nome ser posto em causa por aqueles que murmuravam: «tanta desgraça, só pode ser castigo pelo seu pecado». Na mentalidade reinante, repetida até nalguns textos bíblicos anteriores, Deus parecia retribuir a cada um segundo as suas obras: aos bons, dava felicidade; aos maus, o castigo. Embora tendo uma certa razão de ser, esta visão é muito redutora: não faltam pecadores sortudos e santos sofridos. Ora, a fúria de Job é a fúria de um homem justo perante o mal e o sofrimento arbitrários. Como pode Deus permitir que o mal atinja os que O amam?

Job tem a coragem de exigir a Deus que faça

justiça e, mais ainda, que Se explique. Job é frontal com Deus e isso torna possível outro tipo de diálogo entre ambos, mais adulto e livre. O livro mostra uma resposta surpreendente, na qual Deus convida Job a ver a criação, a vida e o próprio Deus com outros olhos – menos mecânicos. Nem toda a dor é pena; nem tudo o que brilha vem da, ou leva à luz. Certamente, Job não queria aqueles sofrimentos, nem fez nada para os «merecer». Ainda assim, teve de tomar uma decisão sobre como queria viver aqueles tempos de sofrimento. A sua fúria foi a sua declaração a favor da vida.

Na poesia bíblica encontramos vários versos furiosos, nos chamados «salmos imprecatórios». Aqui, salivam-se raivas, acertam-se contas, imploram-se vinganças. «Ó Deus, quebra-lhes os dentes da boca», reza o *Salmo* 58, 6. Talvez nos choque a forma transparente como a Bíblia apresenta tantas das nossas emoções. Sim: somos violentos! Como poderemos lidar com essa violência, sobretudo se ela brota como reação a uma situação de injustiça? Em que ringue iremos esbracejar as nossas fúrias? Os salmos oferecem um espaço imprescindível para que a revolta se verbalize; mas criam também espaço para que ela possa ser ouvida e pacificada.

No Novo Testamento, Jesus também Se enfurece: com os vendilhões no templo (cf. Jo 2,13-25); e igualmente com os seus discípulos (Mc 10, 14). Mas talvez pudéssemos falar, ainda, de uma certa indignação a respeito de Jesus, não da parte dos opositores, mas vivida pelos seus melhores amigos. No seu Evangelho, João relata-nos o reencontro dramático de Jesus com duas amigas, Marta e Maria, depois da morte de Lázaro. Lázaro caíra doente e elas pediram a Jesus que viesse salvar o amigo. Simplesmente, Jesus chegou tarde demais. Ao vê-Lo, uma e outra deixam escapar uma frase suficientemente ambígua para exprimir confiança e decepção: «Senhor, se Tu estivesse aqui, o meu irmão não teria morrido» (Jo 11, 21.32). Na conversa com ambas, Jesus falará de como a confiança n'Ele supera a morte e conduz à ressurreição; mas não sem partilhar as lágrimas das suas amigas. Jesus não é insensível à tristeza nem *fúria* (por assim dizer) de Marta e Maria, mas acolhe-as e solidariza-se com o seu sofrimento: também Ele sente o peso da perda. Uma vez mais, a fúria tornou-se lugar de encontro, ainda que em tempo de sombras.

Certamente que muitas das nossas fúrias são evitáveis, mas não todas. Embora sempre incômodas, certas fúrias correspondem a momentos incontornáveis de crescimento e de conhecimento de si, do mundo e de Deus. Que fúrias me consomem, hoje? Estarei eu à altura das minhas fúrias? Terei eu estô-mago para o muito que elas me querem dar a ver?

João Cassiano

(C. 365-435) | Brendan Comerford, s.j.

João Cassiano nasceu na Cítia Menor (moderna Roménia). Ainda jovem, viajou para a Palestina, tendo vivido durante algum tempo num mosteiro, em Belém. Em seguida, foi para o Egito, onde frequentou diversas comunidades monásticas do Baixo Egito e conheceu alguns dos mais admirados padres do deserto daquele tempo. Ficou por lá cerca de quinze anos.

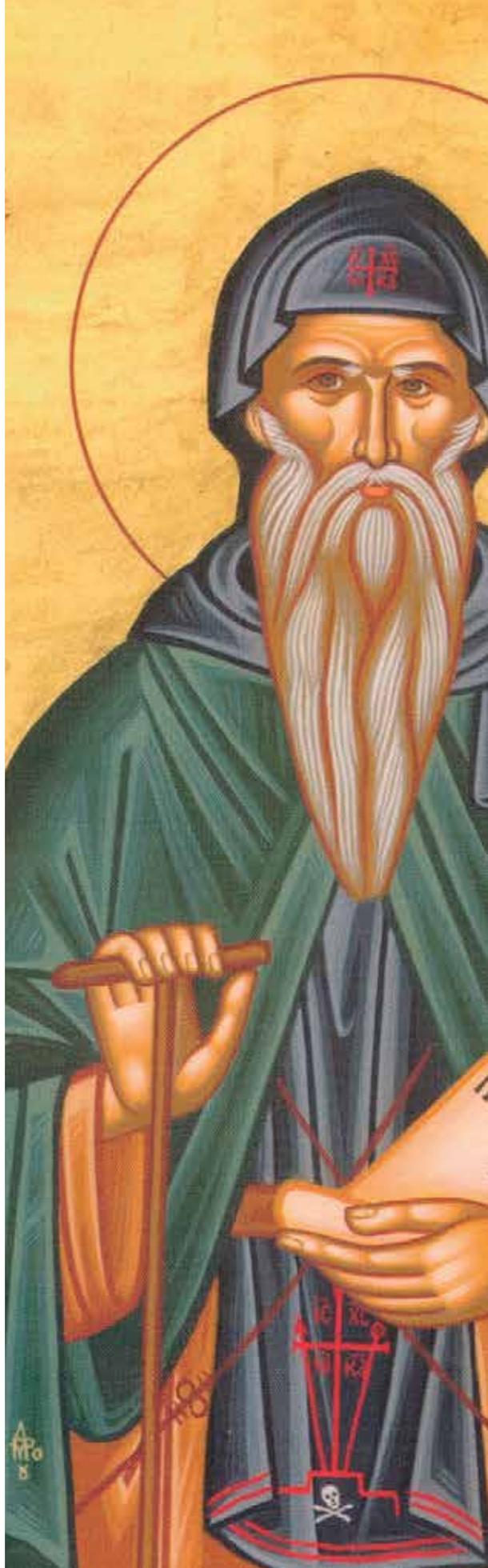
Por volta do ano 400, Cassiano deixou o Egito e foi para Constantinopla (a moderna Istambul), onde foi ordenado diácono pelo bispo S. João Crisóstomo (344-407). Cassiano viajou, então, para Roma e travou amizade com membros importantes da Cúria, incluindo o futuro papa S. Leão, o Grande († 461).

Em 410, Cassiano estabeleceu-se na cidade portuária de Marselha e, nessa região, fundou uma casa para monges e outra para freiras. A pedido dos bispos e abades locais, Cassiano escreveu dois livros: *Conferências* (c. 426-9), uma coleção de vinte e quatro diálogos com padres do deserto que ele conheceu e admirava, e *As Instituições* (c. 430), um livro com os princípios essenciais da vida monástica. Cassiano sabia grego e latim e escreveu num latim de excelente qualidade.

É importante não esquecermos que Cassiano é um monge a escrever para monges. Cassiano defende que, se alguém deseja conhecer Deus, deve viver numa comunidade – poderá, assim, partilhar a vida com outros que têm a mesma intenção e aspiram ao mesmo. A comunidade deve ser uma comunidade orante que procura levar uma vida virtuosa. Cassiano considera absolutamente indispensável que o monge tenha um mestre, alguém a quem, na Irlanda, se chamaria um *anamchara* (amigo da alma). A propósito, conta a estória de um personagem, de nome Hero (*Conferências* 2. 5), que se recusava a aceitar conselhos, fosse de quem fosse. Com o tempo, Hero acabou por se julgar tão espiritualmente perfeito que considerava já não estar sujeito às leis da natureza. Para provar a verdade da sua convicção, Hero saltou do cimo de um penhasco. E foi o fim de Hero!

Cassiano tem alguns conselhos muito úteis sobre a prática da oração, proveitosos, penso, para todos nós. Defende que «há muitos caminhos para Deus» (*Conferências*, 14.6) – cada um terá o seu modo de rezar. Sugere, contudo, que a oração seja breve, mas frequente. Esta recomendação prática tem em vista evitar que o inimigo (o diabo!), sempre empenhado em nos enganar, aproveite alguma distração para se intrometer na nossa oração, caso esta seja muito longa! Talvez os sacerdotes pudessem lembrar às suas comunidades este perigo, quando as suas homilias são demasiado longas!

Na oração, são necessárias determinadas atitudes: resolução – que desejemos, de facto, uma graça particular de Deus; penitência – pena pelas nossas falhas diárias; intercessão – Cassiano consi-





dera que não é possível rezar sem ter presentes as necessidades dos outros; gratidão – rezar é tomar consciência das graças diárias de Deus. Não é preciso ser um monge ou uma freira para encontrar aqui alimento propício à reflexão!

Na história da oração cristã, Cassiano foi o primeiro a sugerir a prática da repetição constante de uma frase ou versículo da Escritura. Ele escolheu um versículo dos salmos: «Ó Deus, vinde em meu auxílio! Senhor, vinde depressa socorrer-me!» (*Salmo 70, 2*). Segundo Cassiano, este versículo contém todos os sentimentos de que a natureza humana é capaz. Pode ser adaptado a todas as circunstâncias e utilizado com proveito contra qualquer tentação. Vale a pena notar que a Igreja, até hoje, começa cada hora litúrgica do Ofício Divino precisamente com este versículo! Cassiano também ensinou a importância de memorizar passagens da Escritura. Deste modo, os textos virão habitualmente ao pensamento.

Continuemos com este tema durante alguns momentos. Cassiano sugere que utilizemos a repetição constante para as passagens da Escritura virem à memória também durante as horas da noite. Segundo ele, «quando estamos mergulhados no entorpecimento do sono, os significados ocultos, que desconhecíamos completamente, vêm-nos, com frequência, à mente» (*Conferências, 14.11*). Inácio de Loiola, um místico espanhol do séc. XVI, faz eco a este conselho nos seus *Exercícios Espirituais*.

Um dos obstáculos à oração, defende Cassiano, é aquilo que trazemos na mente para o nosso tempo de oração. Sobre isto, Cassiano é muito realista. Muitas vezes, reconhece, a nossa mente não consegue impedir-se de pensar no que acabou de acontecer ou no que aconteceu ontem. Durante um momento de oração, surge a vontade de rir por causa de uma anedota escutada na hora anterior! Sendo assim, Cassiano sugere sabiamente que é importante atender ao que fazemos

antes do tempo de oração. E sugere que adotemos a atitude mental que gostaríamos de ter quando estamos em oração. Hoje, diríamos, talvez, «atingir uma certa pacificação da mente e do corpo» antes de começar a oração, assegurando deste modo um espaço acolhedor para o nosso tempo com o Senhor.

Na oração, não devemos andar à procura de coisas dramáticas nem de gente com pretensões de santidade! Cassiano recomenda que não andemos à procura de milagres. Não devemos confiar neles. Sabiamente, aconselha-nos a não admirar aqueles que se apresentam como fazedores de milagres, curandeiros ou exorcistas. Tais pessoas só devem ser admiradas pela sua caridade – «vê se eles amam», adverte Cassiano.

O discernimento, uma sábia prudência, é uma grande virtude na obra de Cassiano. Não é algo que possamos adquirir simplesmente mediante as nossas forças. Obtemo-lo apenas como uma graça de Deus. A virtude do discernimento ajuda-nos a evitar extremos – demasiada oração, demasiada penitência, ou muito pouca! Cassiano é bastante específico nesta matéria: «A relutância em comer e a falta de sono colocam-me em muito maior perigo do que as instigações da preguiça e da glotonaria...» (e sobre a alimentação) ...não devemos exagerar! (*Conferências, 2.17*). O discernimento, portanto, impede-nos de sermos estupidamente presumidos ou descuidados. A vida deve ser vivida com a devida medida. O verdadeiro discernimento é descrito, na Escritura, como «o olho e a lâmpada do corpo» (*Conferências, 2.2*).

Como se vê, embora Cassiano tenha escrito especificamente para monges, tem muitos conselhos práticos para oferecer a todos nós. E avisa-nos: «Não esqueçamos que Satanás estava entre os anjos... por isso, não será surpreendente encontrar os piores dos homens entre as fileiras dos santos!» (*Conferências 18.16*).

Maria Ana Sousa Guedes e José Pedro Marques

O SENTIDO DO PERDÃO: QUANDO UM MERO «DESCULPA» NÃO BASTA

Por: **Betânia Ribeiro**

É no Porto que encontramos Maria Ana e José Pedro, pais da Maria, de 10 anos, do Afonso, de oito anos, e de Teresa, de cinco anos. Ciente da importância da fé em Cristo nas suas vidas, este casal faz parte das equipas de Nossa Senhora, movimento de espiritualidade conjugal que procura ajudar os casais a viver o sacramento do matrimónio. O 'Mensageiro' esteve à conversa com esta família que discutiu acesadamente o que significa o perdão, o arrependimento e o porquê de se pedir desculpa.

Como se conheceram e como foi o tempo de namoro?

Maria Ana - Conhecemo-nos através de amigos em comum e, um ano depois, começámos a namorar. Namorámos seis anos e seis meses, enquanto terminávamos os cursos universitários. Durante esse período, fizemos parte do grupo 'Damas e Valetes', um grupo de oração para casais de namorados dinamizado pelo CREU-IL [Centro de Reflexão e Encontro Universitário - Inácio de Loiola]. Casámos em abril de 2006.

Como definem os vossos percursos de fé, da infância à fase adulta?

Maria Ana - A minha família é católica e tem uma forte ligação às equipas de Nossa Senhora, por influência dos meus avós, que fizeram parte da primeira equipa de Nossa Senhora formada em Portugal, em 1957. Sempre tivemos hábitos de fé e sempre fomos habituados a rezar em família. A equipa dos meus pais fez muitas coisas para nos educar na fé e agora organiza encontros para os netos. Eu fiz parte de uma equipa de jovens de Nossa Senhora.

Por outro lado, a minha família tem, também, ligações à Companhia de Jesus, por duas razões: por causa do meu tio-avô, que era jesuíta, o P. Nuno Burguete, e por causa dos meus pais, que participaram nos campos de férias e que, por isso, nos influenciaram, também, a participar nas atividades dos jesuítas. Portanto, quando acabei o 12º ano, fui para o CREU-IL fazer a preparação para o Crisma.

Hoje em dia, temos a nossa equipa de casais de Nossa Senhora, o que também considero ser um fator muito importante na nossa caminhada de fé em família.

José Pedro - Nasci numa família católica, fiz o meu percurso de fé na Igreja da Lapa, no Porto. Lá, frequentei a catequese e celebrei a primeira-comunhão, a confissão, a comunhão solene e o Crisma. Fiz parte do 'Damas e Valetes' com a Maria Ana, mas, a certa altura, chegamos à conclusão que precisávamos de mais alguma coisa. Fomos, então, procurar as equipas de Nossa Senhora e, hoje, somos o casal de uma equipa de jovens de Nossa Senhora.

O que significa 'perdoar'?

Afonso - Perdoar é aceitar a desculpa.

José Pedro - Perdoar é ter a capacidade de esquecer. Quando já não me importo com um determinado assunto, porque tenho em conta o facto de que aquela pessoa gosta de mim e tomo em consideração o que aquela pessoa faz por mim, estou a perdoar. Temos de ter a capacidade de esquecer para nos focarmos em coisas mais importantes e mais positivas.

Maria Ana - Sim, nós muitas vezes perdoamos e nem nos apercebemos que estamos a perdoar. Acabamos por não o dizer, por não formalizar.

Como pais, dão exemplos de perdão?

José Pedro - Como quase tudo na vida, quando se ensina, mais do que o se diz, é o que se faz que prevalece. Por exemplo, quando rezamos em conjunto e agradecemos a Deus pelas coisas boas do dia, também pedimos desculpas pelas nossas falhas. Espero que os meus filhos também aprendam muito a partir do que veem do nosso comportamento. Com certeza que não somos perfeitos, com certeza que discutimos algumas vezes, mas, no momento seguinte, conversamos, reconciliamo-nos, pedimos desculpa, porque perdoamos - isso é que é o mais importante.

E como casal?

Maria Ana - É, de facto, importante falar do perdão em casal para além do perdão em família. Na vida de um casal, não se deve guardar ressentimento. Quando começamos o casamento, temos hábitos diferentes e temos de arranjar mecanismos para não nos sobrecar-



regarmos com determinadas coisas, portanto, devemos desvalorizar alguns hábitos e tentar perceber o outro, como o ajudar e como criar hábitos em comum. Isto, claro, muda outra vez quando se tem filhos! É tudo uma questão de aceitar e de conseguir que cada um encontre o seu espaço, que cada um tenha as suas rotinas. Simultaneamente, há que perdoar e não ser demasiado exigente um com o outro, porque só assim faz sentido o matrimónio. Nós temos um projeto comum e o mais importante é lutarmos por esse projeto, determinando as nossas prioridades.

Quando devemos pedir desculpa?

Maria - Peço desculpa quando não ajudo, quando sou antipática e não sou amiga. Também peço desculpa quando estrago brinquedos e quando me porto mal. Quando não cumprimos uma promessa, também devemos pedir desculpa.

Teresa - Às vezes, os meninos fazem coisas más. Têm que pedir desculpa aos outros.

Maria Ana - Sim, mas quando pedimos desculpa, parte-se do princípio que reconhecemos que temos culpa. E reconhecer isso publicamente é sempre uma coisa muito difícil.

José Pedro - Devemos pedir desculpa se de facto achamos que fizemos alguma coisa de mal. Dizer desculpa só por dizer, não quer dizer nada. A palavra desculpa tem significado. Mas, se estivermos a pensar que, de facto, fizemos alguma coisa de mal e estamos arrependidos, aí sim estamos a pedir desculpa

sério, estamos a pensar no que fizemos e se calhar vamos fazer por não repetir. Temos de perceber e contar aquilo que fizemos e pedir desculpa. Mas não devemos pedir desculpa se não estamos mesmo a sentir arrependimento.

É importante confessarmo-nos e pedir perdão a Deus?

Maria Ana - Nós devemos confessar-nos sempre que acharmos importante. (Explicando aos filhos) “Jesus já sabe porque é que estamos a pedir desculpa, mas é importante confessarmo-nos para nós próprios termos consciência do que fizemos e do porquê de estarmos a pedir desculpa. É totalmente diferente escrever ou falar sobre aquilo que se fez, do que apenas pensar sobre o assunto.

Depois de toda esta conversa, qual é a ideia a reter?

José Pedro - Gostava que os meus filhos aprendessem que nós temos de dar pouca importância a nós próprios, ou seja, não somos assim tão importantes que não aguentemos uma falha dos outros. Também não podemos ser mais exigentes com os outros do que connosco, sobretudo com aqueles de quem mais gostamos e que certamente nos amam, que tomam conta de nós e se preocupam connosco. Muitas vezes, quanto mais gostamos de alguém, somos mais exigentes e irritamo-nos mais, o que não faz de todo sentido. Mas ninguém é perfeito, eu também faço asneiras, também reajo de determinada forma, portanto, se acontece comigo, também pode acontecer aos outros.

A ENTREGA DO FILHO DO HOMEM E FILHO DE DEUS

Miguel Gonçalves Ferreira, s.j.



“*Sobressai na Paixão uma dignidade real mas silenciosa de Jesus*”

Alguns estudiosos da Bíblia creem que a narrativa do Evangelho de Marcos é uma longa introdução ao relato da Paixão, apresentado nos capítulos catorze e quinze.

Nesses capítulos, torna-se finalmente claro para todos quem é Jesus. A Paixão de Jesus é um relato cheio de dramatismo, que põe a nu a dignidade de Jesus e a indignidade dos seus discípulos. Na verdade, será Judas, um dos Doze, a encontrar a «ocasião favorável para O entregar» (14, 10).

Marcos diz-nos que Jesus está consciente da situação, pois reconhece diante dos discípulos: «um de vós há de entregar-Me, um que come Comigo» (14, 18). Para além disso, anuncia que até Pedro O negará (14, 30). Tudo isto acontece durante a ceia pascal, na qual, «enquanto comiam, tomou um pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e entregou-o aos discípulos, dizendo: “Tomai: isto é o meu corpo”» (14, 22). Depois da ceia, no *Getsémani*, Jesus luta interiormente, angustiado pelo medo, enquanto os discípulos dormem, num misto de desânimo e inconsciência. E quando chega a hora da prova, todos, sem exceção, O abandonam (14, 50)! Nada disto, porém, demove Jesus da sua atitude de entrega à vontade do Pai.

O verbo entregar é rico em sentido. Serve para dizer que Judas entregou o Mestre (em grego: *paradidomi*), mas serve também para dizer que Jesus entrega (*didomi*) o seu corpo – a Si mesmo – «por nós homens, para nossa salvação». É nesse «entregar-se» que o Evangelho de Marcos revela a todos, sem perigo de mal-entendidos, a verdadeira identidade de Jesus.

Jesus é o Messias, como reconhece a mulher anónima que O unge logo no começo da narrativa da Paixão (14, 3). Os presentes iniciam uma discussão

sobre o gasto que isto significa... mas o Senhor enaltece-a e confirma o seu gesto, assegurando que «onde for proclamado o Evangelho, há de contar-se também, em sua memória, o que ela fez» (14, 9).

Marcos considera as mulheres como testemunhas essenciais da morte (15, 40), da sepultura (15, 47) e da ressurreição de Jesus (16, 6). Em claro contraste com este reconhecimento, o Sumo Sacerdote perguntou a Jesus: «és Tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?» (14, 61), mas com o intuito de O condenar à morte...

Jesus é o Filho do Homem totalmente entregue (14, 21) e profundamente identificado com a humanidade sofredora. É injustiçado, injuriado e «contado entre os malfeitores» (15, 28). Torna-Se assim no servo sofredor, profetizado por Isaías, que Se entrega em favor da humanidade, rezando na cruz – com dor e confiança – o *Salmo 22*. A sua morte fará rasgar o véu do templo (15, 38), para nos dizer que chegou ao fim o tempo em que estava vedado – e velado – o acesso ao Santo dos Santos, ao «Deus Bendito».

Sobressai na Paixão uma dignidade real mas silenciosa de Jesus, em contraste com as acusações e insultos dos inimigos que, ironicamente, vão confirmando quem Ele é.

Pilatos pergunta-Lhe se Ele é Rei (15, 2). Os soldados revestem-No com um manto vermelho e uma coroa de espinhos, e saúdam-No: «Salve, ó Rei dos Judeus» (15, 18). E também no Calvário, para onde tudo converge, a cruz ostenta o verdadeiro título de Jesus: «O Rei dos Judeus» (15, 26). Diante deste perdedor que Se entrega de verdade, um estrangeiro fará a mais autêntica confissão de fé, à qual deveria chegar todo o leitor do Evangelho de Marcos: «Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus» (15, 39).

Betânia Ribeiro

ACOLHIMENTO, ORAÇÃO E TRABALHO

Uma forma renovada
de estar em Singeverga





Espaço de paz e serenidade, o Mosteiro de S. Bento de Singeverga acolhe, desde novembro de 2017, homens e mulheres na nova hospedaria. Casa da única comunidade de monges beneditinos em Portugal, o mosteiro, localizado em Roriz (Santo Tirso), é um lugar onde é possível ter tempo de reflexão, de descanso e de oração. Também há tempo de trabalho, como exprime a máxima de S. Bento: 'Ora et Labora'. Oração e Trabalho, dois lados da vida monástica que apelam ao discernimento.

O antigo espaço das irmãs da Sagrada Família, responsáveis pela cozinha do Mosteiro beneditino de Singeverga, é, hoje, a nova hospedaria do mosteiro. O projeto de requalificação, do arquiteto Ricardo Azevedo, com apontamentos de mobiliário antigo do mosteiro e elementos criados pelo escultor Paulo Neves, foi concluído em novembro de 2017 e promete trazer novo público ao mosteiro beneditino.

Criada para o acolhimento de mulheres, casais, famílias e grupos de reflexão ou de estudo, a nova hospedaria tem, no total, oito quartos decorados ao estilo monástico, com cama, secretária, armário e janela exterior, disponibilizando aos futuros hóspedes dois quartos de casal e seis quartos individuais. As áreas comuns, como a cozinha, a sala de trabalho ou de jantar, a capela e o espaço de leitura, com vista para o jardim decorado com árvores de inspiração bíblica, convidam quem visita a nova casa a passar alguns dias em recolhimento e introspeção, sendo permitido permanecer hospedado durante um período máximo de oito dias consecutivos.

«Não é um hotel, é um espaço para a vida espiritual»,

sublinha Luís Aranha, antigo Abade do mosteiro e atual responsável pela hospedaria. A renovação do mosteiro, na década de 50 do séc. XX, não aplicou a regra de separação do espaço da hospedaria e de clausura, presente noutros mosteiros de tradição beneditina, dedicando uma ala do mosteiro ao acolhimento de hóspedes. Num longo corredor voltado para o claustro do mosteiro, encontra-se a hospedaria masculina, com 15 quartos individuais.

A necessidade de criar um espaço de acolhimento para os familiares dos monges em visita a Singeverga, assim como de hóspedes do sexo feminino, motivou o avanço da obra. Outra dependência do mosteiro, a antiga casa dos fundadores, chegou a acolher as famílias dos monges, ou casais em visita, «mas não está, neste momento, em condições de ser habitada ou utilizada», explica Luís Aranha. O Mosteiro feminino de Santa Escolástica, nas proximidades, chegou, também, a acolher as famílias e, sobretudo, as mulheres que procuravam o recolhimento monástico. Agora, tudo está centralizado na propriedade dos monges.



A hospedaria, um dos pontos de abertura do mosteiro ao mundo, constitui um dos equipamentos de maior importância no espaço monástico, pelo papel de evangelização que desempenha como centro de acolhimento e de espiritualidade. S. Bento, baseando-se na tradição evangélica do acolhimento, dedicou um capítulo da Regra por si escrita à recepção dos hóspedes: «Todos os hóspedes que se apresentam no mosteiro sejam recebidos como se fosse o próprio Cristo, pois Ele dirá [um dia]: “Fui hóspede e recebestes-me”». Segundo Luís Aranha, os hóspedes «são o mundo que chega», um mundo que os monges devem «estar preparados para acolher, com os seus problemas». «O mundo também precisa de cá vir para ir buscar alguma coisa», observa o responsável.

Mas quem são os hóspedes de Singeverga? Os que mais procuram o mosteiro são padres diocesanos, que ficam hospedados dois ou três dias durante a semana, e religiosos. Mas também chegam a Singeverga estudantes, artistas, escritores e médicos, peregrinos e seminaristas, crentes de todas as religiões ou pessoas sem religião. São pessoas de qualquer idade.

São «pessoas que precisam de parar, de refletir, de se encontrar consigo mesmas e de encontrar, claro, o silêncio» – para Luís Aranha, o fator-chave «que marca muito» os hóspedes de Singeverga. São, na maioria, pessoas que, depois, regressam ao mosteiro e que recomendam a hospedaria a outras pessoas.

À chegada, os hóspedes são recebidos pelo monge hospedeiro, que faz a ponte entre a hospedaria e o mosteiro. Este monge avalia as necessidades dos hóspedes, orienta-os e conversa com eles quando procuram aconselhamento espiritual.

Quase todo o espaço do mosteiro está acessível aos hóspedes. Podem estar no claustro e na igreja, passear pela quinta ou circular pelos jardins. Não existe um programa de retiro espiritual preparado especificamente para quem fica hospedado em Singeverga. Pelo contrário, os hóspedes adaptam-se ao ritmo diário do mosteiro. Rezam com os monges na igreja abacial e são integrados em todas as celebrações, sentando-se ao lado dos monges, na última fila do coro. Cumprem o programa diário de oração comum, rezando a Liturgia das Horas, composta pelas laudes, às 7 horas,

a hora sexta, às 12h40, as vésperas, às 19 horas, as vigílias, às 21 horas, e as completas, a última oração do dia. Tal como os monges, em cada oração, cantam os salmos, leem as leituras da Escritura e fazem três a quatro minutos de silêncio. Fazem as três refeições diárias com os monges, no refeitório monástico, e podem integrar os trabalhos dos monges, auxiliando-os na produção agrícola da quinta.

D. Bernardino da Costa, sexto Abade do Mosteiro de S. Bento de Singeverga, explica os propósitos de quem procura a hospedaria. «Os hóspedes procuram-nos precisamente para rezar cá». Atraída pelo silêncio típico dos mosteiros, grande parte dos hóspedes que se dirige a Singeverga quer, de acordo com o Abade, «fazer uma pausa». «Estão no quarto, leem, repousam, meditam e circulam pela casa», descreve D. Bernardino da Costa. No mosteiro, não se fala, sussurra-se, para se manter o «ambiente de silêncio» pretendido por S. Bento. «O silêncio do mosteiro

ajuda a perceber e a escutar melhor e mais profundamente os grandes problemas, tristezas, anseios e angústias», sugere Luís Aranha. «O hóspedes procuram paz de espírito, por isso, vêm cá encontrar-se», conclui. Existem, ainda, outras características da vida monástica que despertam a curiosidade dos hóspedes, como a «liturgia, o canto ou a tranquilidade do local», como indica D. Bernardino da Costa. «O ritmo da comunidade, caracterizada pelo silêncio, proporciona por si só um ótimo retiro para os hóspedes», sublinha o responsável pelo mosteiro.

A reserva de quartos na hospedaria do Mosteiro de S. Bento de Singeverga pode ser feita por telefone ou por correio eletrónico, sendo necessário apresentar uma carta de referência escrita pelo pároco ou por um antigo hóspede. O mosteiro não fixa preços de estadia. As despesas inerentes são comparticipadas com donativos.



No mosteiro, não se fala, sussurra-se, para se manter o «ambiente de silêncio» pretendido por São Bento. «O silêncio do mosteiro ajuda a perceber e a escutar melhor e mais profundamente os grandes problemas, tristezas, anseios e angústias», sugere Luís Aranha.

MOSTEIRO DE S. BENTO DE SINGEVERGA

O Mosteiro de Singeverga é o único mosteiro masculino beneditino em Portugal. Tem, neste momento, 23 monges, dos quais quatro têm menos de 45 anos. D. Bernardino da Costa explica a origem do mosteiro, que remonta ao séc. XIX. «A congregação beneditina portuguesa tinha, em 1834, 22 mosteiros, na sua maioria, localizados no norte do país. Veio, então, a expulsão das ordens religiosas, primeiro os jesuítas, a seguir os beneditinos. Depois, tudo começou aqui do zero: uma família que habitava nesta quinta – a família Gouveia Azevedo – deu-a aos monges, há 126 anos», narra o Abade.

Em 1892, monges vindos de Cucujães, onde se iniciara a restauração da vida beneditina em Portugal, fundam o mosteiro em Roriz, Santo Tirso. Ocupam as dependências agrícolas da quinta habitada pela família Gouveia Azevedo. A proclamação da República, em 1910, levou à dispersão dos monges por Espanha e pela Bélgica, permanecendo um irmão em Singeverga, como capelão da família. Os beneditinos regressam a Singeverga em 1931, depois de um período passado na Falperra, em Braga, no início do Estado Novo.



Do edifício, recuperado em 1957, destaca-se o claustro, em estilo neo-clássico, que se situa no centro do mosteiro. Representa o jardim primordial, o regresso ao Paraíso, onde não faltam oliveiras e palmeiras. No centro, encontra-se a «Fonte da Vida», desenhada pelo arquiteto Ricardo Azevedo. A fonte, em forma de cruz, conduz a água para quatro carreiros, que recordam os quatro rios que delimitavam o Jardim do Éden. É no claustro que se situa o sino que chama os irmãos para as orações comunitárias.

Fora do núcleo central do mosteiro, estão espalhadas outras dependências, como a nova hospedaria, a cerca, a mata e a quinta, com espaços de produção de laticínios, de vinho e do famoso licor de Singeverga.

De acordo com D. Bernardino da Costa, os monges de Singeverga são pessoas «chamadas por Deus para a vida monástica que seguem a sua vocação». São pessoas «simples» que procuram dar testemunho, no dia a dia, dos «valores fundamentais do Cristianismo». São felizes, mas também têm os seus

problemas. Dão conta da sua fragilidade, dos seus limites. Para se estar perfeitamente adaptado a Singeverga é preciso, sobretudo, identificar-se, «isto é, gostar da casa, gostar da comunidade, gostar de rezar, gostar de ler, gostar de viver em comum».



IGREJA ABACIAL DE SINGEVERGA

Espaço de oração individual e comunitária, a igreja do mosteiro de Singeverga é conhecida como a igreja do Tintoretto por causa do quadro que se encontra junto ao coro, na abside. Trata-se de «A Adoração dos Magos», de Jacopo Tintoretto (1518-1594), o único exemplar original da obra do pintor veneziano em Portugal. O quadro, pintado no período final da vida do pintor, terá sido executado com o auxílio de Domenico, filho de Tintoretto, como defende Vítor Serrão, especialista na obra do mestre precursor do barroco. A tela, com 5,25 metros de comprimento e 2,25 metros de altura, foi doada ao mosteiro, em 2003, pelo seu anterior proprietário, Jaime Pinto. Poderá ser a pintura desaparecida da Igreja do Espírito Santo, em Veneza, mas não existem, ainda, provas que confirmem esta teoria.

O interior da igreja tem sofrido uma transformação gradual, que ainda não terminou. Desde a aplicação de madeiras no revestimento, até aos mais recentes elementos em mármore, a remodelação da igreja transformou-a num «espaço amplo e limpo».

O trabalho conjunto do escultor Paulo Neves e do Abade D. Bernardino da Costa, que orientou o processo de conceção das obras, salta à vista nos pormenores da cadeira do Abade, do sacrário, da base do círio pascal e, em especial, no altar e no ambão. O altar, composto por doze pedras, representando os doze apóstolos, tem sobre si a figura de Cristo suspenso. «O altar é o lugar da crucificação», recorda o Abade. «E estas são as pedras do sacrifício de Cristo». O ambão, localizado no lado esquerdo, é, por definição, o «lugar para onde se sobe». É, no fundo,

uma estante que representa o Santo Sepulcro. «Se o altar é o calvário onde Jesus foi crucificado, o ambão representa o local onde Jesus foi depositado. É no sepulcro que Jesus ressuscitou, por isso, é o lugar do anúncio da ressurreição», sintetiza D. Bernardino da Costa. A estrutura, esculpida em mármore, releva, do lado da assembleia, um par de asas, uma referência ao anjo que anuncia a ressurreição (*Mateus 28, 2-7*). No acesso ao ambão encontram-se três degraus que nos recordam que Jesus ressuscitou ao terceiro dia.

Atrás do altar, encontram-se, junto ao quadro de Tintoretto, o coro, posicionado frente a frente, e o órgão, elementos essenciais num mosteiro beneditino, visto que, como explica D. Bernardino da Costa, a música está presente no ofício litúrgico e «marca a espiritualidade do mosteiro». Os monges entoam cânticos em português, criados pelo monge compositor da comunidade.

A escultura de S. Bento, de Altino Maia, representa o santo como um jovem monge, com a cogula negra (hábito coral do monge), a Regra na mão, que nos diz «Ascolta o figlio» («Escuta, filho»), e o báculo, «característico do pastor, do Pai», esclarece D. Bernardino da Costa. S. Bento é o «precursor do movimento de formação da cultura cristã», que se desenrolou nos mosteiros, verdadeiros centros de espiritualidade. Ao elaborar a Regra, S. Bento funde a sua experiência pessoal às regras já escritas pelos eremitas que se refugiavam no deserto, pioneiros da vida monástica no Médio Oriente.



DISCERNIMENTO, REGRA DE OURO NA ESCOLHA DA VIDA MONÁSTICA

«O discernimento faz parte da regra beneditina e é um dos valores fundamentais da vida monástica, presente na Lectio Divina, a leitura orante da palavra de Deus», afirma o P. Luís Aranha. «Para a tradição monástica e evangélica, aquilo que se entende muitas vezes por meditação, é discernimento», acrescenta.

Mas o discernimento é, também, uma das características fundamentais de um abade, descrita no capítulo 64 da Regra, referente à ordenação do abade: «seja prudente e refletido nas suas ordens, e quer seja de Deus, quer do século o trabalho que ordenar, faça-o com discernimento e equilíbrio, lembrando-se da discrição do santo Jacó, quando diz: “Se fizer meus rebanhos trabalhar andando demais, morrerão todos num só dia”».

Também no processo de escolha da vida monástica, o discernimento está presente. Luís Aranha e D. Bernardino da Costa são mestres dos noviços e acolhem quem bate à porta do mosteiro e pede para ingressar. «Agora, temos poucas vocações, mas temos sempre, graças a Deus, gente que bate à porta», explica o Abade, salientando que a receção de propostas acontece, hoje, de várias maneiras, nomeadamente através da Internet.

Feito o primeiro contacto, é pedido ao candidato que se dê a conhecer, ou seja, que faça um resumo do seu percurso na fé cristã e que descreva o seu contexto familiar e profissional. Posteriormente, é convidado a visitar a comunidade, entrando em contacto com o ambiente silencioso do mosteiro. Todo o processo é gerido com calma e discernimento, como está contemplado na Regra, nomeadamente no capítulo dedicado à receção dos candidatos: não se facilita a entrada num mosteiro beneditino.

«Muitas vezes temos uma paixão, mas ela desaparece», fundamenta D. Bernardino da Costa. «Por isso, quando os candidatos nos dizem, no final da primeira visita, que gostaram muito, nós respondemos que tem de haver uma segunda, uma terceira ou uma quarta visita. Dependendo dos casos, pedimos que façam visitas regulares ao mosteiro durante um ou dois anos», explica o Abade, acrescentando: «Nesse período de tempo, vamos discernindo se o candidato tem aquilo que S. Bento definiu como condição para



entrar no mosteiro: procurar a Deus».

«Porque se pode vir para o mosteiro por outras razões», esclarece D. Bernardino da Costa: «porque se está a fugir do mundo, do reboliço da cidade, do trabalho, porque se gosta muito da liturgia, porque se quer viver uma experiência espiritual ascética. Mas não basta».

«Muitos são os motivos que o trazem, mas o mais importante e aquele que o fará ficar é se o candidato procura a Deus, porque tudo o resto fica para segundo plano», reitera o Abade de Singeverga.

Quando me sentei na sala de cinema...

Isabel Figueiredo



”

Hoje, somos nós os responsáveis pelo testemunho que passamos a todos os que conhecem Jesus e a todos os que O desconhecem.

Quando me sentei na sala de cinema vazia, sabia o que me esperava. Um filme sobre a vida de S. Paulo, Apóstolo. Imaginei que iria ver a recriação histórica da sua conversão, o homem que de perseguidor de cristãos passou a cristão perseguido. Imaginei um retrato histórico, bem feito, porque este tipo de cinema é cada vez melhor na recriação do momento, na veracidade das personagens. Mas quando se vê e escuta com um coração crente, é difícil esquecer as palavras, os sons, as imagens, que também são arte a acontecer.

O filme situa-se na fase final da vida de S. Paulo, preso em Roma. Um homem velho, de costas chicoteadas e direitas, de olhar penetrante. Os cristãos vivem e morrem nas ruas de Roma, numa perseguição feroz e impiedosa. S. Lucas aparece como aquele que vai ao encontro de Paulo, escreve as suas palavras, senta-se ao seu lado, consciente da força única daquele Apóstolo, capaz de dizer, até hoje, um Amor a Jesus que tudo transforma, tudo ama, tudo perdoa. Os atores são excelentes, os diálogos muito bons, a autenticidade quase se toca.

Mas, quando o filme acabou, só conseguia pensar no hoje e agora. Foram-me passando pela memória dezenas de sacerdotes, discípulos deste mesmo Jesus, irmãos de Paulo e de Lucas, descendentes deste tempo de perseguição e morte, que se repete, de uma forma tão assustadora quanto ignorada pela maioria dos crentes e não crentes. Estranhamente, também se repete a questão da divisão dentro da Igreja.

E voltei ao olhar intenso do ator James Faulkner, às palavras lentas e pausadas que Jim Caviezel ia escrevendo, na quase escuridão da prisão, onde Paulo esperava a morte. Será que todos lemos os mesmos textos

dos Evangelhos, os mesmos Atos dos Apóstolos? Será que todos ouvimos as mesmas palavras do Papa Francisco, que nos obrigam a olhar para a verdade do tempo que vivemos? Palavras que nos exigem respostas, nos pedem determinação, porque o Evangelho não é uma água doce, suave e fresca. É verdade que as palavras que ouvi, que leio e releio, já mataram a sede de milhões de homens e mulheres, já deram vida e esperança e paz e a mais pura alegria. Mas são firmes, exigentes, inquietam, incomodam. Que sangue corria nas veias daqueles primeiros Apóstolos, que ferviam de paixão e misericórdia, de certeza e de confiança, de zelo e de perdão? Que sangue corria nas veias daqueles homens e mulheres das primeiras comunidades cristãs, que todos os dias arriscavam a vida, todos os dias começavam, todos os dias davam testemunho da sua fé, da certeza da sua esperança?

As notícias sobre as perseguições aos cristãos nos mails e nos ecrãs dos telemóveis são diárias e, na nossa paz e na nossa liberdade, continuamos a alimentar divisões e ataques dentro da própria Igreja, a propósito de um comentário do Papa, do valor absoluto da ortodoxia ou de escândalos reveladores da fragilidade humana. Que sangue corre nas nossas veias? Precisamos de coragem para ver, ouvir e sentir o testemunho dos primeiros cristãos. Hoje, somos nós os responsáveis pelo testemunho que passamos a todos os que conhecem Jesus e a todos os que O desconhecem.

Ao fim do dia, perguntei-me se viveremos conscientes desta imensa responsabilidade. E procurei a Palavra de Deus, abrindo a Bíblia nas Cartas de S. Paulo, com a hesitação dos primeiros passos de uma criança que não sabe como chegar ao outro lado, mas que confia em absoluto nas mãos firmes que a seguram.

PALAVRA DE DEUS PARA A VIDA

Manuel Morujão, s.j.

1. Apresentação

Todo o mês de março é passado no ambiente litúrgico da quaresma, tempo forte de preparação para a Páscoa do Senhor Jesus, a nossa Páscoa. Para a meditação, pessoal ou em grupo, em estilo de «Lectio divina», apresento o Evangelho do III Domingo da quaresma, que é o primeiro domingo de março. Quanto for possível, dar ocasião à partilha das ressonâncias da Palavra de Deus nos membros do grupo. Não se trata de fazer breves discursos sobre um texto bíblico, lido ou proclamado, mas de partilhar o impacto da Palavra de Deus na própria vida. Não se trata de comunicar teorias, mas vivências. Tal poderá acontecer no seguimento do n. 5. No último ponto, recordarei a intenção do Papa Francisco, relativa ao mês de março, para a nossa oração e vida. Como *rede mundial de oração do Papa* (Apostolado da Oração ou qualquer outro grupo ou movimento), procuramos unir-nos ao Pastor da Igreja universal, na sua solicitude por uma Igreja mais santa e por um mundo melhor.

2. Oração inicial

Senhor Jesus, tu afirmaste: «minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática». Ajuda-nos, pois, a ser bons ouvintes da tua palavra de paz e bem, que nos anima a cumprir o mandamento do amor.

Pedimos-te a graça de vivermos como irmãos teus pela escuta atenta do que Deus, teu e nosso Pai, nos comunica na sua Palavra de salvação.

No silêncio do nosso coração, Tu nos diriges palavras de vida eterna, substanciais e consistentes do imenso amor que nos dedicas, com generosidade gratuita. Mil vezes obrigado, Senhor.



3. Ler/proclamar a Palavra

que Deus me/nos dirige hoje (Mateus 2, 1-22)

Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Encontrou no templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nos seus postos. Então, fazendo um chicote de cordas, expulsou-os a todos do templo com as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas pelo chão e derrubou-lhes as mesas; e aos que vendiam pombas, disse-lhes: «Tirai isso daqui. Não façais da Casa de meu Pai uma feira». Os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devora. Então os judeus intervieram e perguntaram-lhe: «Que sinal nos dás de poderes fazer isto?» Declarou-lhes Jesus, em resposta: «Destruí este templo, e em três dias Eu o levantarei!» Replicaram então os judeus: «Quarenta e seis anos levou este templo a construir, e Tu vais levantá-lo em três dias?» Ele, porém, falava do templo que é o seu corpo. Por isso, quando Jesus ressuscitou dos mortos, os seus discípulos recordaram-se de que Ele o tinha dito e creram na Escritura e nas palavras que tinha proferido. Enquanto Ele estava em Jerusalém, durante as festas da Páscoa, muitos creram nele ao verem os sinais miraculosos que realizava. Mas Jesus não se fiava deles, porque os conhecia a todos e não precisava de que ninguém o elucidasse acerca das pessoas, pois sabia o que havia dentro delas.



4. Meditar a Palavra,

facilitando que Deus visite a minha/nossa vida

Quem ama de verdade sabe conjugar a compreensão com a exigência, a doçura com a força. Nesta cena, Cristo manifesta uma atitude enérgica de

repúdio da intolerável comercialização de um espaço sagrado. O templo é uma «casa de oração» e o Deus que aí se adora não pode ser instrumentalizado para lucro económico.

Mas seguramente que Cristo amou aqueles prevaricadores, ao mesmo tempo que atirava por terra o seu negócio no Templo de Jerusalém. Odiar o pecado e amar o pecador é uma arte cristã. Quando nos cabe o dever de sermos frontais e duros, mais é necessário que nos revistamos da couraça da bondade e do elmo da paz.

Permitamos que Cristo se encontre connosco, com o coração aberto para acolher as suas exigências, desconstruindo os nossos absolutos, pontos de honra, ideias fixas, para ser Ele o nosso Senhor, de nome e de facto.



5. Discernir para agir

segundo a Palavra de Deus

O zelo da casa de Deus fazia arder o coração de Jesus. A paixão de Jesus era a glória do Pai. Como afirmou: «o meu alimento é fazer a vontade do Pai que Me enviou e consumir a sua obra». Que zelo ou paixão faz arder o meu coração? Que é que me faz correr na vida: dinheiro e honra, prazeres e vaidades?

A fé é um dom gratuito de Deus, que podemos ou não aceitar e fazer crescer. A nossa relação com Deus tem que ser vivida na gratuidade, porque o amor que circula entre Deus e a pessoa humana é um tesouro impagável, que não se pode vender nem comprar. A minha experiência de oração é vivida na gratuidade? As graças que nos vêm de Deus são mesmo *de graça*. Não comercializáveis.

O Templo de Jerusalém era o lugar privilegiado da presença de Deus no meio do seu povo. Com a encarnação do Filho de Deus, o novo Templo é a humanidade de Jesus. Cresço na minha relação com Jesus Cristo, «perfeito Deus e perfeito homem»?

6. Intenção do Papa Francisco

para o mês de fevereiro de 2018

Unamo-nos à intenção do Pastor da Igreja universal: «Para que toda a Igreja reconheça a urgência da formação para o discernimento espiritual, a nível pessoal e comunitário».

Na Exortação apostólica «Alegria do Evangelho», o Papa Francisco frequentemente nos pede que prati-

quem o discernimento espiritual e apostólico. No n. 45, assim nos exorta: «Um coração missionário... nunca se fecha, nunca se refugia nas próprias seguranças, nunca opta pela rigidez autodefensiva. Sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada».

Discernir, abrir-nos ao que Deus quer de nós, é um verbo fundamental da gramática do cristão.

Oração comunitária

Pode encontrar esta secção, escrita pelo padre Dário Pedroso, s.j., no site da Rede Mundial de Oração do Papa - Portugal.

É uma proposta de oração para uma Hora Santa, tendo presente a Intenção mensal do Santo Padre.

www.redemundialdeoracaodopapa.pt



CONHEÇA A MISSÃO DA REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO DO PAPA

1

AJUDAR À
ORAÇÃO PESSOAL
E COMUNITÁRIA,
QUE LEVE A
UMA RELAÇÃO
DE INTIMIDADE
COM JESUS



2

INCENTIVAR
CADA UM A
COMPROMETER-SE
E A COLABORAR COM
A MISSÃO DA IGREJA
A PARTIR DA SUA
COMUNIDADE

3

APELAR À
CONSTRUÇÃO
DE UM MUNDO
MAIS JUSTO E
RECONCILIADO





RECRIAÇÃO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO ANALISADA EM ROMA



Analisar o trabalho efetuado durante os últimos três anos, ao nível da recriação do Apostolado da Oração, foi o principal objetivo da reunião que congregou, de 22 a 28 de janeiro, em Roma, 17 responsáveis da Rede Mundial de Oração do Papa (RMOP) a nível mundial. Numa verdadeira experiência de amizade e comunhão, este foi um tempo para dar rostos a nomes e funções conhecidos e para estabelecer relações pessoais, essenciais para o bom dinamismo destes processos.

Esta foi uma oportunidade para rever todo o processo desde o seu início, dando um grande espaço para a clarificação de conceitos,

aplicação concreta dos seus princípios, a missão que se pretende desenvolver, as dificuldades sentidas e os modos de as superar. Na redefinição destes conceitos e princípios teve um grande destaque a apresentação dos novos estatutos, já entregues ao Santo Padre para aprovação.

Foi a primeira vez, após três anos do início do processo de Recriação do Apostolado da Oração, que estes representantes se reuniram. Para além da Equipa Internacional, o Padre Frédéric Fornos, sj, Diretor Mundial, o seu Assistente e a Secretária da Equipa, participaram os Coordenadores Continentais da

Europa, África, América do Norte e Ásia. Os restantes participantes foram os membros do Conselho Internacional da Rede Mundial de Oração do Papa, vindos de Argentina-Uruguai e Portugal, e os membros do Conselho Internacional do Movimento Eucarístico Juvenil (MEJ), vindos de França, Espanha, Paraguai, Brasil, Itália, Filipinas e Estados Unidos. Não puderam estar presentes um dos membros do Conselho Internacional da RMOP, do Canadá, um membro do Conselho Internacional do MEJ, de África, e o Coordenador Continental da América do Sul.

Um momento muito importan-

te foi a possibilidade de conhecer mais a fundo o funcionamento das duas plataformas internacionais da RMOP – «O Vídeo do Papa» e o «Click To Pray» – e definir uma melhor forma de colaboração de todos os países nestes projetos.

O grupo teve ainda a visita do Padre Arturo Sosa, sj, Superior Geral da Companhia de Jesus, que se

referiu às linhas de orientação da Companhia de Jesus para o futuro, no seguimento da Congregação Geral XXXVI, e como a recriação deste Serviço Pontifício, confiado à Companhia de Jesus, se integra nesta dinâmica de serviço à fé e à justiça, de colaboração e trabalho em rede.

Uma das consolações maiores vividas pelo grupo foram as notícias

de sucessivas confirmações deste processo dadas pelo Papa Francisco, que acompanha pessoalmente os seus desenvolvimentos e aprecia particularmente os projetos internacionais que se têm desenvolvido na fase histórica que este Serviço de oração pelas intenções do Papa está a viver.



BRAGA TEM A PRIMEIRA EQUIPA RMOP DE PORTUGAL



O auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Delegação de Braga da Universidade Católica Portuguesa acolheu, a 6 de janeiro, a apresentação da primeira equipa da Rede Mundial de Oração do Papa (RMOP) em Portugal. A equipa, que deu a conhecer o seu programa de atividades para o primeiro semestre de 2018, fará o apoio à direção do Centro Académico de Braga (CAB), obra da pastoral juvenil da Companhia de Jesus em Braga.

Formada por leigos, a equipa RMOP de Braga procura dinamizar a vida de oração e o compromisso cristão dos seus membros através de «propostas dirigidas à comunidade», bem como através de outras propostas «abertas à cidade», em linha com a intenção de oração

mensal do Santo Padre. Tem como missão «ajudar os frequentadores do CAB a rezar [diariamente] e agir com as intenções do Papa», movidos pelo «dinamismo missionário da Igreja em saída, alimentado pela vida de oração e de intimidade com Cristo», como explicam os responsáveis em comunicado.

Das propostas apresentadas, destaca-se a realização de um tempo de oração mensal no CAB, a organização de tempos de oração em paróquias da cidade e a promoção de iniciativas abertas ao público em geral, como conferências, jornadas de reflexão e iniciativas sociais, sempre orientadas pela intenção do Papa para o mês em questão.

As propostas espirituais da RMOP e as suas iniciativas digi-

tais, como *O Vídeo do Papa*, o *Click To Pray* e o *Passo-a-Rezar*, serão, de acordo com os responsáveis da equipa, uma mais-valia na criação de hábitos de oração diária junto dos membros da comunidade do CAB.

Esta apresentação decorreu no âmbito do I Encontro Cabista, que reuniu «mais de duas centenas de antigos e atuais frequentadores do CAB». «Momento de grande entusiasmo» para os participantes, o I Encontro Cabista constituiu uma oportunidade para o CAB «se tornar uma comunidade “em saída”, ao encontro da realidade eclesial e local» de Braga, como destacou o P. Manuel Vaz Pato, sj, antigo Diretor do CAB, presente na sessão.



«Liberdade religiosa: tolerância e diálogo». Este foi o tema do painel temático promovido, a 23 de janeiro, pela Equipa da Rede Mundial de Oração do Papa criada no âmbito do Centro Académico de Braga (CAB). A sessão decorreu na Escola Secundária Alberto Sampaio, em Braga, e congregou dezenas de estudantes do ensino secundário.

Realizado no contexto da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, o painel, que marcou o início das atividades públicas promovidas por esta Equipa, teve como mote a intenção do Papa Francisco para este mês, centrada nas minorias religiosas na Ásia.

Félix Lungu, da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, divulgou um vídeo

sobre a perseguição religiosa no mundo e sublinhou que há pessoas que não renunciam à fé, mesmo correndo o risco de perder a vida.

«Duzentos milhões de pessoas não têm liberdade religiosa» e «os cristãos são os mais perseguidos», afirmou. Embora sem ficar deprimidos, temos de ter consciência que esta realidade existe.

O sacerdote jesuíta Paulo Duarte referiu que geralmente entendemos liberdade e religião como realidades opostas. «Mas quando vemos o sentido profundo da religião, percebemos que ela nos pode dar liberdade».

Segundo Paulo Duarte, a intolerância religiosa está relacionada com um grande desconhecimento.

«Dentro da liberdade precisamos de diálogo, que não seja um diálogo de surdos», mas no sentido de poder «mudar perspetivas».

Por seu turno, o padre ortodoxo Vasyl Bundsyak focou a importância de os cristãos mostrarem, «à luz do Evangelho», que têm de fazer alguma coisa para mudar o mundo.

João Quesado, estudante universitário de Ciências da Comunicação, falou na existência, no meio académico, de uma «intolerância passiva» relativamente à religião. Já Maria Portela, estudante do ensino secundário, afirmou que no contexto deste ensino «a religião é um não assunto», algo que «não é conversado, não é falado».



APOSTOLADO DA ORAÇÃO DE VISEU PROMOVE DIA DE ESTUDO E REFLEXÃO

Cerca de 150 pessoas participaram, em janeiro, no Dia de Estudo e Reflexão promovido pelo Apostolado da Oração (A.O.) de Viseu, que decorreu no Centro Sócio-Pastoral de Viseu e contou com a presença, como conferencista, do sacerdote jesuíta Manuel Morujão. O convite para esta presença partiu do diretor diocesano, Padre Eurico José Teixeira de Sousa, em coordenação com a presidente diocesana, Irmã Maria Madalena Frade da Costa.

O Dia de Estudo e Reflexão começou pelas 10h00, com o Oferecimento do Dia ao Sagrado Coração de Jesus, seguindo-se a oração da manhã. Após as boas-vindas e a apresentação dos Centros, o sacerdote jesuíta apresentou duas conferências sobre os temas «Os cristãos leigos, profetas da esperança» e «Viver em Apostolado da Oração – Rede Mundial de Oração do Papa».

Apesar de não ser fácil, hoje em dia, viver e comunicar a nossa fé, encaramos com esperança as dificuldades, como nos exorta o Papa Francisco. Só despertando em nós a esperança, «podemos despertá-la nos outros».

Esta jornada de reflexão foi uma oportuna ocasião para dinamizar os presentes, na linha do aprofundamento da própria espiritualidade, com vista à renovação desejada para o serviço pastoral que a Igreja nos pede.

Segundo o Padre Manuel Morujão, é necessário dar mais vida e prolongar cada vez mais no tempo e no mundo o Apostolado da Oração, cuja espiritualidade consiste em viver cada dia em atitude orante. Integrando a Rede Mundial de Oração do Papa, todos são convidados a rezar em união com o Santo Padre e com a Igreja, promovendo o respeito na diversidade. Deste modo, todos serão autênticos promotores de comunhão, na família, na paróquia ou no grupo. A manhã concluiu-se com a celebração da Eucaristia, por todos os associados da Diocese de Viseu. Durante a tarde, houve um tempo de diálogo e troca de informações.

Na diocese de Viseu existem mais de 80 Centros do A.O. com mais de cem anos de existência, alguns com bastante vitalidade.



RETIRO DE ADVENTO DO A.O. DE LISBOA

A recolção de Advento, promovida pela Direção Diocesana de Lisboa do Apostolado da Oração (A.O.), decorreu durante o dia 16 de dezembro de 2017, das 10h00 às 17h00, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, sob orientação do P. Dário Pedroso, sj.

O retiro, marcado por cinco momentos de oração e reflexão, reuniu dezenas de membros do A.O., assim como participantes de outras

dioceses. Iniciando com a oração da manhã, prosseguiu com a apresentação de três conferências subordinadas aos temas «A graça do Natal, o nascimento de Jesus em cada um», «O programa do Advento, desejo de Jesus Amor, de Jesus Luz, de Jesus Médico, de Jesus Libertador» e «O mistério do Advento – Mistério de Pobreza e Humildade».

Durante a recolção, foram apresentadas aos presentes informa-

ções decorrentes do Encontro Nacional do A.O., que reuniu, em novembro passado, em Fátima, 120 membros das equipas diocesanas e zeladores dos Centros do Apostolado da Oração.

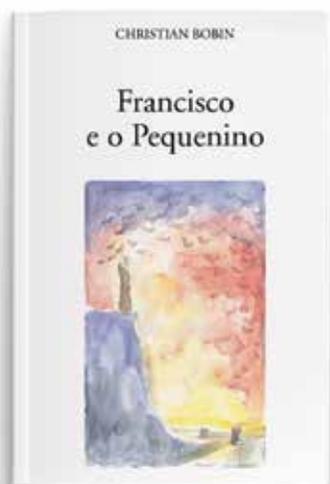
O retiro terminou com um período de Adoração Eucarística «para encontro pessoal com Jesus», como frisa Filomena Pires, presidente da Direção Diocesana, seguido da celebração da Eucaristia.

Francisco e o Pequenino

Christian Bobin

Isabel Cunha

Professora de Educação
Moral e Religiosa Católica



||
*Escrito em prosa,
imediatamente nos
sentimos acalentados e
confortados pelo valor
poético e harmonioso que
o texto carrega em si.*

Preços: Portugal - 10,50€

Europa - 12,20€ | Fora da Europa - 12,40€

Portes de correio incluídos nos preços.

Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.

Rua S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga;

livros@snao.pt;

www.livraria.apostoladodaoracao.pt

Este livro chegou pela primeira vez até mim pelos olhos de uma amiga e professora. A beleza das palavras que citava, a propósito de um qualquer tema de conversa, despertou-me, de imediato, a atenção e o coração. Durante muito tempo, procurei pelo livro nos escaparates de bibliotecas e livrarias, sem sucesso. Encontrava-se esgotado e sem previsão de nova edição. A espera para o poder folhear, ler e saborear, tornou-se numa verdadeira ânsia e, de uma forma que só acontece com aquilo que é especial na nossa vida, acabei por criar laços com este livro ainda antes de o ter nas mãos.

Lê-lo foi então como se tivesse finalmente chegado a um lugar que sempre me pertenceu, ou melhor: ao qual sempre pertenci. Porque o que de mais belo tem este livro é a forma singela e verdadeira como retrata a essência humana. Sim, é um livro sobre a vida de S. Francisco de Assis, mas é também um livro onde cabem todas as vidas de todas as pessoas. Onde cabe aquilo que sou e aquilo que os outros são, numa espécie de melodia sussurrada ao ouvido sobre o que de mais humano e real há em todos nós. Mais do que uma simples biografia ou um mero romance, é a narrativa da vida vivida em pleno.

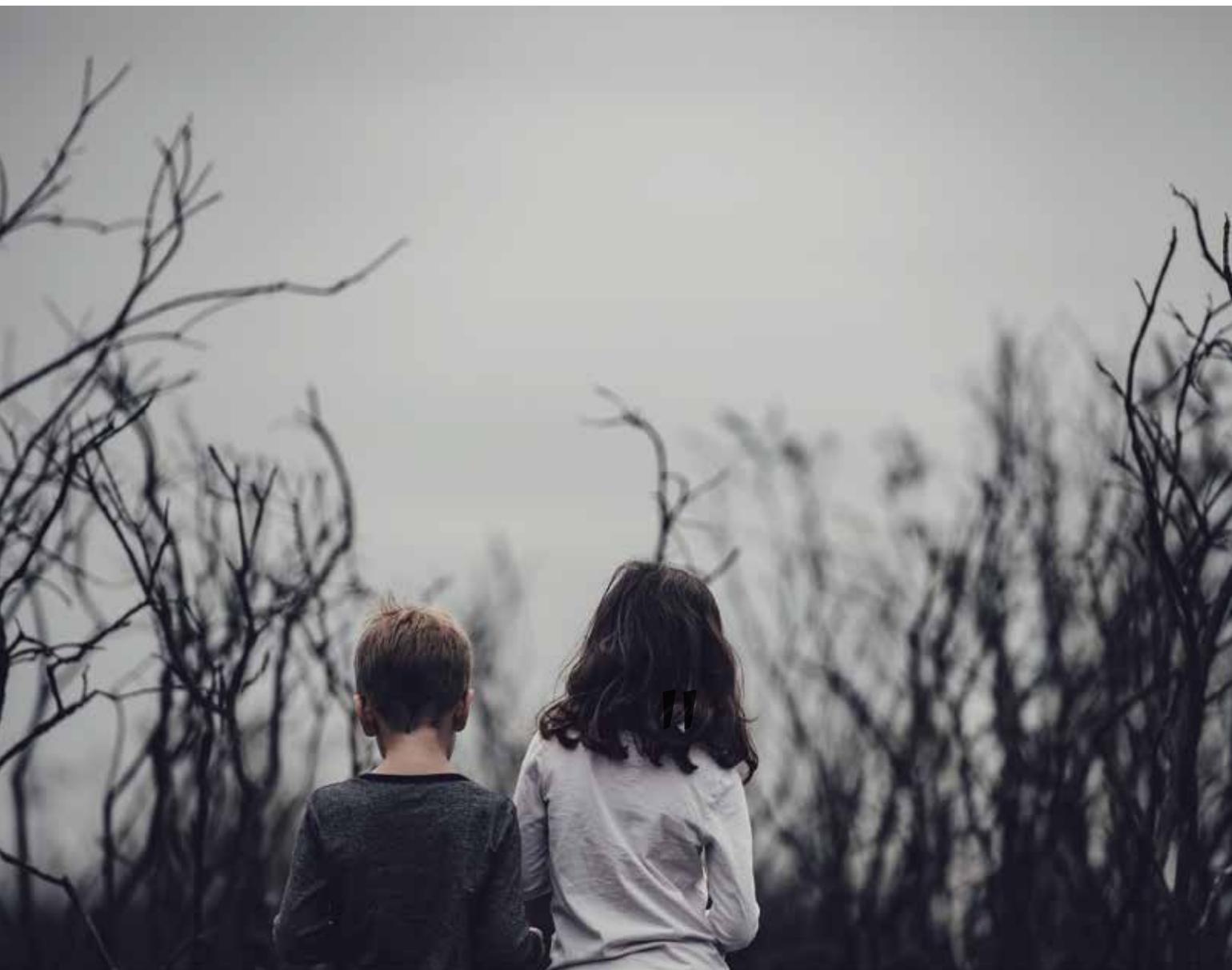
A história, pobreza e espiritualidade de Francisco de Assis é o ponto de partida que Christian Bobin usa para colocar a identidade humana como protagonista do seu livro. Pela vida de Francisco, passo a passo, o autor conduz-nos também pela teia da nossa existência e das nossas relações. Obriga-nos a parar e reparar na mãe que se inclina sobre o berço para escutar a respiração do seu pequeno filho; no jovem que busca ardentemente um sentido e que vai desnudado aos recantos mais pobres da humanidade; no pardal, no pintarroxo, na cotovia, na andorinha, no lobo, no burro; nas mulheres que eternizam o riso e o amor de Deus; na paixão, na ternura...

Escrito em prosa, imediatamente nos sentimos acalentados e confortados pelo valor poético e harmonioso que o texto carrega em si. E assim vamos criando no nosso espírito um espaço silencioso e etéreo, onde frases tão simples parecem abalar o eixo da nossa realidade de tal forma que, quando levantamos os olhos das páginas, a nossa perspetiva é sempre melhor do que aquilo que era.

Na versão original, em francês, o livro assume o título *Le Très Bas* (à letra, *Um Deus Baixíssimo*): a partir da baixeza do quotidiano, Bobin eleva-nos na humildade, para que possamos encontrar, precisamente nas coisas mais pequenas e simples, este nosso Deus que se move à flor da terra.

VER PARA LÁ DO CENÁRIO...

Teresa Villas - *Mediadora Familiar*
Tribunal de Família e Menores de Mafra



Quando, em Agosto de 1972, aceitei o desafio para ser monitora de uma colónia de férias nas Penhas da Saúde, estava longe de pensar que o meu futuro profissional estava a dar os primeiros passos.

O Colégio que eu tinha frequentado na adolescência falou com os meus pais e comigo a convidarem-me para ajudar/apoiar a colónia de férias que as Irmãs de S. Vicente de Paulo geriam nas Penhas da Saúde, em protocolo com a Câmara Municipal da Covilhã, em regime de voluntariado.

Com 17 anos, brinquei, passei, conversei, comi, dei banhos, deitei 80 rapazes entre os 6 e os 12 anos. Rapazes pobres do concelho da Covilhã, alguns portadores de deficiência, que os pais visitavam ao Domingo, transportados em autocarros disponibilizados pela Câmara Municipal para o efeito.

Depois da missa de Domingo, onde tinha a função de sacristã, iniciava o período de tempo de lazer para as monitoras, mas acabávamos por ficar com os meninos que não tinham visita dos pais.

Passados 4 anos, em Setembro de 1976, iniciei o meu primeiro ano como educadora de infância. No ano lectivo de 1983/84 aceitei o desafio de coordenar as valências de infância da Santa Casa da Misericórdia de Sintra e fui nomeada como representante das Instituições Particulares de Solidariedade Social na primeira Comissão de Protecção de Menores de Sintra, em Maio de 1995. Em 2001, na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Sintra, em 2005, na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Sintra Ocidental, até Abril de 2013.

Apesar de, no desempenho de funções como coordenadora pedagógica na Santa Casa da Misericórdia de Sintra, ter acompanhado situações avaliadas como de maus tratos, negligência, abuso, na intervenção, à data, predominava um marco ideológico em que não se questionavam as suposições e estas eram deslegitimadas: as crianças eram pertença da família e, em situação de colidirem os interesses da família e os da criança, prevaleciam os da família.

Eis que, em 1985, o Centro de Estudos Judiciários organiza um seminário sobre o tema «Os maus tratos a crianças em Portugal», apresentando o projecto «Justiça e Comunidade» e o núcleo de criança maltratadas do Hospital de Santa Maria. Nascia uma luz para todos os que trabalhavam com crianças que viviam os maus tratos, o abuso, a negligência.

O caminho foi sendo construído, desafiando o marco ideológico dominante e desenvolvendo uma visão sustentada no argumento, desafiando crenças dos profissionais e académicos acerca do seu trabalho com uma nova e atractiva alternativa, mas acompanhada de ceticismo, até aos dias de hoje.

Há um pensamento que me conduz: «eu sou o outro que em mim procura o seu destino» e que ajuda muito na definição da situação a avaliar.

Com a Lei 145/99 de Promoção e Protecção de Crianças e Jovens, que começou a ser aplicada em Janeiro de 2001, a criança é considerada um sujeito de direito e, assim, na situação de o interesse da família colidir com o da criança, prevalece o interesse da criança.

Ao dar-se ênfase ao vínculo entre valores e a prática da intervenção, somos desafiados a reflectir sobre a nossa acção e quem pensa ter a caixa de ferramentas=competência, e que a pode utilizar, independentemente do seu propósito subjacente, erra.

A realidade vem mostrar que a criança negligenciada, maltratada, abusada, nem sempre pertence a uma família com carência económica. A pobreza deixou de ser o indicador para a intervenção.

A criança/jovem vítima de agressão ou omissão na família é transversal a todos os estratos sociais, sendo a visibilidade diferente.

E esta realidade vem trazer ao discurso/debate muitos mal entendidos e muitas reclamações, que estão longe de estar pacificadas. A controvérsia provoca o debate de premissas ideológicas, que surge entre os académicos, mas também entre os profissionais na área das ciências sociais e do direito.

Há um pensamento que me conduz: «eu sou o outro que em mim procura o seu destino» e que ajuda muito na definição da situação a avaliar. A capacidade de nos pormos no lugar do outro.

Depois de 41 anos a acompanhar crianças e jovens e de muita formação académica, que me deram ferramentas para uma reflexão e uma intervenção que se querem de excelência, faço uma avaliação positiva na evolução dos direitos das crianças em Portugal, mas longe de ser uma avaliação pacífica e satisfeita. Muito há a reflectir e muito há a fazer.

Uma intervenção com opções não avaliadas é uma prática não reflexiva e, por isso, afirmo: é obrigatório «ver para lá do cenário».

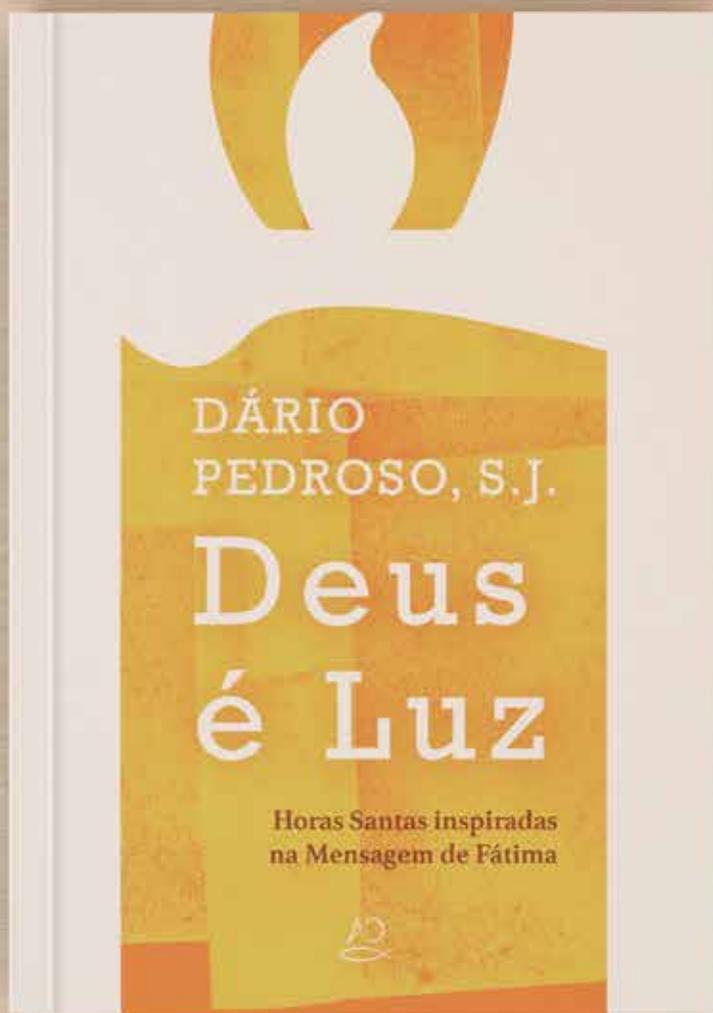
(Este artigo foi escrito sem considerar o novo Acordo Ortográfico)

DÁRIO
PEDROSO, S.J.

Deus é Luz

Novidade

Doze propostas de oração
comunitária inspiradas na Mensagem
de Fátima e na palavra do Papa
Francisco: Fátima é “um manto de luz”
que se espalha pelo mundo.



Preços: Portugal: 8,50€ | Europa: 10,20€ | Fora da Europa: 10,40€



Portes de Correio incluídos nos preços. Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O. - Rua de S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga | livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt